



# **A CONSTRUÇÃO DA VIDA COLETIVA NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA DE ASSEMBLEIAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE HORTOLÂNDIA-SP**

**Palavras-chaves: Assembleias escolares; Propostas pedagógicas não tradicionais;  
Escolas Inovadoras.**

**Autores:**

**Victória Valério de Macedo [UNICAMP]**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Falcão de Aragão (Orientadora) [UNICAMP]**

---

## **INTRODUÇÃO:**

Esta pesquisa faz parte de um estudo em andamento sobre projetos pedagógicos inovadores em escolas públicas, que conta com uma equipe de pesquisadores que vêm acompanhando desde o início, através da coleta e análise de dados, o desenvolvimento destes projetos na EMEF Prof<sup>a</sup> Helena Futava Takahashi, localizada em Hortolândia-SP. Dando continuidade a um estudo sobre o processo de tornar-se uma escola inovadora, o presente projeto teve como objetivo documentar e analisar as especificidades do caminho trilhado pelo corpo docente da escola: no caso, o início da prática de assembleias escolares.

A funcionalidade das assembleias escolares baseia-se no intuito de propiciar aos alunos um espaço que torne possível a regulação e o diálogo acerca do cotidiano escolar. Vinha (2008, p. 537) ressalta que “é preciso oferecer nas instituições educativas oportunidades frequentes para a realização de propostas de atividades sistematizadas que trabalhem os procedimentos da educação moral, tais como assembleias, discussão de dilemas, narrativas morais, etc.” Foi partindo desse

pressuposto que os os docentes e equipe gestora da EMEF Profª Helena Futava Takahashi decidiram incluir a prática de Assembleias Escolares na escola.

É importante destacar que a prática de assembleias faz parte do propósito da escola de inovar, por ser uma prática que favorece o desenvolvimento moral dos indivíduos. A participação dos alunos e do corpo docente nas Assembleias Escolares permite que estes vivenciem uma experiência na qual princípios democráticos preponderam, tais como participação, liberdade, equidade e justiça. É um momento oportuno para refletir sobre a maneira como os indivíduos compõem o coletivo, cabendo a eles não colocar suas necessidades ou vontades individuais acima das necessidades do grupo.

As Assembléias Escolares permitem, também, que alunos e professores tenham a possibilidade de estreitar laços de forma que talvez não fosse possível apenas com a convivência em sala de aula. Além disso, a assembleia é um momento oportuno para que os estudantes desenvolvam novas habilidades imprescindíveis para a convivência social. Em outras palavras:

São o momento institucional da palavra e do diálogo, quando o coletivo se une para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar tudo aquilo que seus membros consideram oportuno. É um momento organizado para que alunos e professores possam falar das questões que lhes pareçam pertinentes para melhorar o trabalho e a convivência escolar. (PUIG, 2000, citado por ARAÚJO, 2015)

## **METODOLOGIA:**

Inicialmente, planejava-se que, para compor o registro do processo, eu - enquanto pesquisadora de iniciação científica - frequentasse presencialmente as reuniões de horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) da EMEF Profª Helena Futava Takahashi como observadora. Durante a realização de tais reuniões, meu papel basearia-se em tomar notas, podendo, também, acessar posteriormente às audiografações das reuniões, como aprovado pelo Comitê de Ética<sup>1</sup>.

Para a análise destes dados recolhidos, a metodologia escolhida foi o Paradigma Indiciário de Análise. De acordo com Ginzburg (2009), esta abordagem surge como um arcabouço que propõe uma metodologia de análise própria das

---

<sup>1</sup> Número do CAAE: 38294820.5.0000.8142

Ciências Humanas. Este paradigma fundamenta-se na ideia da linguagem como elemento vivo que permite analisar e compreender o real reconhecendo a pluralidade de sentidos que podem ser atribuídos a este real e a possibilidade de ir além do que está exposto. Assim o material empírico, reunido através do contato com a equipe docente da escola, é analisado, à luz da literatura sobre inovação educacional e de discussões com o grupo de pesquisadores que fazem parte do projeto.

No dia 20 de março de 2020, a EMEF Helena Futava suspendeu suas atividades escolares. Ao início deste projeto, em setembro de 2020, a retomada das atividades presenciais ainda era incerta, logo, seu planejamento esteve sujeito à alterações ao longo de toda sua duração. Em 2021, a pandemia de COVID-19 no Brasil seguiu causando impedimentos por todo o país; no momento em que escrevo este resumo, em agosto de 2021, a situação na escola ainda é a mesma.

Contudo, a escola buscou alternativas virtuais para a realização de assembleias entre professores. Embora não tenha sido possível a relação presencial com o corpo docente, e os contatos ocorressem exclusivamente de maneira remota, esta pesquisa buscou documentar o trabalho desenvolvido pela escola em tais condições. Além disso, a construção do conhecimento teórico acerca de projetos pedagógicos inovadores - com ênfase na prática de assembleias escolares - tem sido feita de maneira contínua através de leituras, análises, estudos e reuniões remotas.

Na próxima seção, apresento o relato do trabalho desenvolvido, ainda que não corresponda ao plano inicial deste projeto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Com o cenário causado pela pandemia, a gestão e as professoras da EMEF Helena Futava seguem mantendo contato com os alunos e pais por meios virtuais como Skype, WhatsApp e Google Forms. O contato presencial se deu somente em momentos específicos nos quais a Prefeitura Municipal de Hortolândia organizou entrega de cestas básicas, uma ação para auxiliar as comunidades afetadas por dificuldades financeiras no cenário atual.

Entre si, o corpo docente da escola se manteve em contato pelas mesmas vias digitais, trocando experiências e buscando soluções para os novos desafios. Neste cenário, a prática democrática que mostrou-se possível - já que não seria viável fazer assembleias de classe com os alunos, por exemplo - foi a realização de **Assembleias Docentes** entre as professoras. Constituem-se enquanto Assembleias Docentes aquelas que visam:

[...] regulamentar temáticas relacionadas com o convívio entre docentes e entre estes e a direção, com o projeto político-pedagógico da instituição e com conteúdos que envolvam a vida funcional e administrativa da escola. Dela participam todo o corpo docente, a direção da escola e, quando possível, um representante das Secretarias de Educação ou da mantenedora. (ARAÚJO, 2015, p. 36).

A ideia, introduzida no início de 2021, teve o intuito de não somente dar continuidade ao projeto de assembleias, mas também de aproveitar a energia da retomada do novo ano letivo para estabelecer importantes debates com as professoras. Aqui, destaco a presença essencial de Cristiane Conceição dos Santos, responsável pela organização de tais assembleias. Mestranda na UNICAMP e também vice-diretora da escola, Cristiane vem sendo, desde o início, a principal articuladora na relação entre a Universidade e a escola.

As concepções de escola inovadora, normalmente construídas como um contraponto ao modelo tradicional, confundem-se neste momento excepcional no qual vivemos, em que há a ruptura da normalidade e todos se veem obrigados a buscar formas alternativas de dar continuidade aos processos educativos. Por um lado, a mediação da tecnologia torna-se ubíqua na relação de ensino-aprendizagem - um “novo normal” que, ao mesmo tempo, homogeneiza as experiências dos que têm acesso a ela e exclui sumariamente os que não têm. Por outro lado, questões que poderiam ser pontuadas em uma configuração presencial da escola, com convivência diária entre alunos - como a utilização da Assembleia de Sala para a resolução de conflitos do dia-a-dia - não cabem no momento atual, no qual o convívio é extremamente limitado. A convivência gera conflitos e, para Araújo (2015), o conflito é “matéria prima para nossa constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica e social”. São com essas ferramentas que o indivíduo pode desenvolver uma participação política e pública na sociedade, configurando-se assim como uma educação emancipadora para a cidadania. Como podem os

educadores, neste momento, providenciar todas as ferramentas para que seus alunos disponham de uma educação inovadora?

O fato é que a construção de relações democráticas demanda diálogo. Em uma situação na qual o diálogo é limitado, porque as pessoas não dividem mais os mesmos espaços e nem todos têm acessos às ferramentas digitais (que, por si, também têm seus limites de comunicação), tais construções democráticas também se limitam. Contudo, é necessário ressaltar a maneira com a qual a EMEF Helena Futava Takahashi continuou a buscar - dentro das condições possíveis no momento - manter o seu propósito: proporcionar relações democráticas dentro da comunidade escolar.

Para além disso, também é necessário se utilizar deste momento e do exemplo de resiliência desta e de tantas outras escolas para compreender nossos papéis como agentes de mudança dentro da sociedade - especialmente no que diz respeito a nós, estudantes e pesquisadores tão próximos à realidade escolar.

---

## **BIBLIOGRAFIA:**

ARAÚJO, U. F. **Autogestão na sala de aula: as assembleias escolares**. São Paulo: Summus, 2015.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. A construção da autonomia moral na escola: a intervenção nos conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO da PUCPR – EDUCERE e o II CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS – CIAVE, 8,2008, Curitiba. **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE [recurso eletrônico]: formação de professores: edição internacional; Anais do III Congresso Ibero-Americano Sobre Violências Nas Escolas – CIAVE**. Curitiba: Champagnat, 2008, p.11238-11250.